

Mariana Siqueira de Assis



MATERIAIS DIDÁTICOS:

**UM ESTUDO SOBRE A APLICAÇÃO E ELABORAÇÃO DE MATERIAIS
DIDÁTICOS DA DISCIPLINA DE ARTES VISUAIS NAS ESCOLAS DE ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO DA REDE PÚBLICA.**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Mariana Siqueira de Assis

MATERIAIS DIDÁTICOS:

**UM ESTUDO SOBRE A APLICAÇÃO E ELABORAÇÃO DE MATERIAIS
DIDÁTICOS DA DISCIPLINA DE ARTES VISUAIS NAS ESCOLAS DE ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO DA REDE PÚBLICA.**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Lincoln Volpini Spolaor

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Siqueira de Assis, Mariana, 1985-

Materiais Didáticos: Um estudo sobre a aplicação e elaboração de materiais didáticos da disciplina de Artes Visuais nas escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Mariana Siqueira de Assis. – 2013.

50 f.

Orientador: **Lincoln Volpini Spolaor**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Volpini Spolaor, Lincoln. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Materiais Didáticos: Um Estudo Sobre a Aplicação e Elaboração de Materiais Didáticos da Disciplina de Artes Visuais nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública*, de autoria de Mariana Siqueira de Assis, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Lincoln Volpini Spolaor - Orientador

Prof. Maurílio Andrade Rocha – Membro da banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Dedicatória:
Dedico essa vitória a Luís Gustavo, sobrinho querido.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todas as pessoas que contribuíram para mais essa conquista em minha vida. Cada um a sua maneira, é responsável por meu sucesso.

Agradeço a orientação eficaz e atenciosa do Professor Lincoln.

Agradeço a todos os amigos e familiares que compreenderam minha ausência quando se fez necessária uma dedicação maior de meu tempo a essa pesquisa.

Agradeço aos amigos do Polo UAB que sempre me incentivaram desde o início dessa caminhada.

Agradeço aos colegas do curso que me proporcionaram tantos momentos de aprendizado, boa conversa e carinho, tanto em ambiente virtual quanto presencial.

Agradeço aos meus pais o apoio de vida que me faz seguir em frente e permanecer lutando e vencendo etapas importantes em minha trajetória.

Finalmente, agradeço a Deus que abriu minha mente para aprender e que me da tantas oportunidades, as quais sempre tento não desperdiçar.

RESUMO

A presente pesquisa destina-se a traçar um panorama da evolução do Ensino de Artes no Brasil, destacando as Artes Visuais. Tem como propósito definir a razão do pouco apoio dado à disciplina, visto que os professores não contam com materiais didáticos suficientes e nem espaço físico adequado para as aulas práticas nas escolas públicas brasileiras.

A pesquisa enfoca a situação atual do Ensino de Artes, por meio de análise de livro didático e análise dos principais atores envolvidos, percebendo, como é direcionado e conceituado. A intenção é disponibilizar um diagnóstico para fins de uma possível estruturação de ações, no sentido de desenvolver mais esse campo de ensino, principalmente, a produção de materiais didáticos mais eficazes.

A partir do estudo de histórico e contextualização do Ensino de Artes no Brasil, serão demonstrados os motivos que levaram a atual desvalorização da disciplina desde os anos iniciais.

Por meio da aplicação de questionários, será traçado um panorama do ensino de artes nas escolas de ensino fundamental e médio atualmente, concentrando discussões a respeito de como a disciplina é vista por seus principais atores, além de trazer a análise de um livro didático, disponibilizado pelo Programa Nacional do Livro Didático do Ministério da Educação.

Palavras chave: Artes Visuais, Material didático, Educação, Ensino.

ABSTRACT

This research is intended to give an overview of the evolution of Teaching Art in Brazil, highlighting the Visual Arts. Aims to define the reason given little support to the discipline, since the teachers do not have enough textbooks nor adequate space for classes in Brazilian public schools.

The research focuses on the current status of arts education, through analysis of textbook and analysis of the main actors involved, seeing as it is directed and conceptualized. The intention is to provide a diagnosis for the purposes of a possible structuring of actions in order to further develop this field of teaching, mainly the production of learning materials more effective.

From the study of history and context of the Arts Education in Brazil, will be shown the reasons why the current devaluation of the discipline since the early years.

Through the use of questionnaires , will be traced an overview of arts education in elementary schools and middle currently focusing discussions on how discipline is seen by its main actors , and bring the analysis of a textbook , available by National Textbook program of the Ministry of Education

Keywords: Visual Arts, Courseware, Education, Education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 _ REDUÇÃO JESUÍTICA.....	14
FIGURA 2 _ CRISTO DA RESSURREIÇÃO, FINAL DO SÉC. XIX	14
FIGURA 3 _ PLANTA DA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES.....	16
FIGURA 4_ MUSEU NACIONAL DO PRADO, ESPANHA _ OBRA EM DETALHES.....	38

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 _ ALUNOS _ QUESTÃO 1	19
GRÁFICO 2 _ ALUNOS _ QUESTÃO 2	20
GRÁFICO 3 _ ALUNOS _ QUESTÃO 3	20
GRÁFICO 4 _ ALUNOS _ QUESTÃO 4	21
GRÁFICO 5 _ ALUNOS _ QUESTÃO 5	22
GRÁFICO 6 _ ALUNOS _ QUESTÃO 6	23
GRÁFICO 7 _ ALUNOS _ QUESTÃO 7	23
GRÁFICO 8 _ ALUNOS _ QUESTÃO 8	24
GRÁFICO 9 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 1	26
GRÁFICO 10 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 2	27
GRÁFICO 11 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 3 (A)	28
GRÁFICO 12 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 3 (B)	28
GRÁFICO 13 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 3 (C)	29
GRÁFICO 14 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 4	30
GRÁFICO 15 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 6	30
GRÁFICO 16 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 7	31
GRÁFICO 17 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 8	31
GRÁFICO 18 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 9	32
GRÁFICO 19 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 10	33
GRÁFICO 20 _ PROFESSORAS _ QUESTÃO 11	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1_HISTÓRICO _ CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL.....	13
2 _ IDEALIZAÇÃO _ DIAGNÓSTICO	19
2.1_PERFIL GERAL DOS ALUNOS _ DIAGNÓSTICO	25
2.2_PERFIL GERAL DAS PROFESSORAS – DIAGNÓSTICO.....	34
2.3_PERCEPÇÃO DA REALIDADE	35
3_LIDANDO COM OS RECURSOS DISPONÍVEIS.....	37
3.1_ANÁLISE DE UM LIVRO DIDÁTICO.....	39
3.2_CONCLUSÃO DA ANÁLISE DO LIVRO	45
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

O Ensino de Artes no Brasil, assim como a estruturação da educação formal, foi introduzido pelos padres jesuítas, ainda na época do Brasil Colônia, que aqui chegaram com a função de educar os colonos e catequizar os povos indígenas.

O Ensino de Artes, nessa época, foi dividido entre a educação nos aldeamentos e a educação nas escolas construídas a pedido das famílias mais abastadas da época. Ao longo dos séculos, o ensino como um todo foi passando por transformações, algumas positivas, outras negativas. Cabe ressaltar, que é na época do Brasil Colônia, que se iniciou o preconceito em torno do Ensino de Artes e dos artistas. Por consequência desse preconceito, ainda hoje, existe um cenário de pouco apoio aos professores que lidam com o Ensino de Artes.

Primeiramente, a disciplina é tratada de maneira genérica, ou seja, não existe um ensino sequencial, de todos os campos das Artes, como, as Artes Visuais, objeto principal dessa pesquisa. O que é ligado às Artes, na maioria dos casos, é tratado de maneira genérica e superficial.

Somada a essa realidade, existe a falta de entendimento dos alunos e da comunidade acadêmica sobre a disciplina. A maioria dos alunos, ainda entende disciplina como um momento de recreação e os que a veem de maneira diferente, a percebem como aula de desenho, ou coisas do tipo. Por parte dos professores de outras disciplinas, também há preconceito, muitos entendem a disciplina de Artes como algo sem importância, e nível de classificação inferior em relação a outras disciplinas como, Português e Matemática, por exemplo.

A questão dos materiais didáticos é preocupante. Nas escolas públicas, são raros os livros disponíveis para tratar essa temática. O que existe, trata do assunto de maneira superficial. O Ensino Artes Visuais em si, não é focado, ele não aparece de maneira fundamentada. Disponível aos professores fica a criatividade e empenho em pesquisar maneiras para superar as dificuldades do dia a dia.

Uma ferramenta muito comum é a *internet*, que não soluciona a questão, no entanto, oferece uma gama de recursos, que, se usados com inteligência e criatividade, pode surtir efeito, como os museus virtuais, por exemplo.

1_HISTÓRICO _ CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL¹

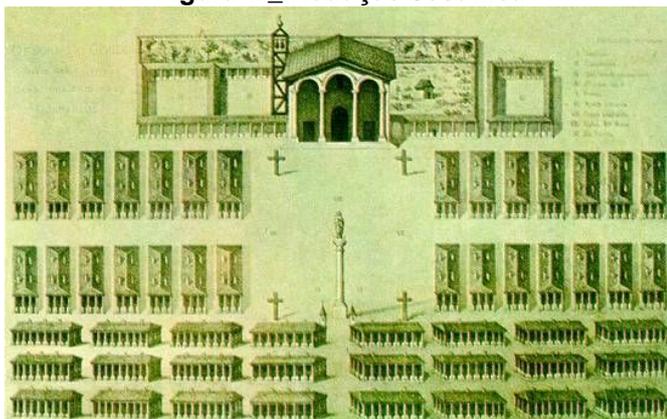
O Ensino de Artes no Brasil começou juntamente com a sistematização da educação a partir das missões jesuíticas na época do Brasil colônia. Os padres jesuítas chegaram aqui com a missão de catequizar e educar os povos habitantes de terras brasileiras. Assim, atuaram na educação dos indígenas e também dos filhos das elites da época. Os jesuítas permaneceram responsáveis pelo ensino no Brasil por um período de 210 anos, sendo expulsos do país em 1759, pelo Marquês de Pombal. Assim que chegaram ao Brasil, os jesuítas fundaram suas residências ou conventos, chamados de “colégios para o domínio das almas”.²

Penetrando gradativamente nas aldeias indígenas, os padres foram cumprindo sua missão de educar e catequizar. Fato interessante é que havia duas vertentes na educação jesuíta: uma era a educação nos aldeamentos, onde prevalecia a catequização dos indígenas, e outra eram os colégios, criados então a pedido das elites locais, que financiavam sua construção e manutenção. Nesses colégios, eram educados os filhos de membros da elite, ou seja, filhos de portugueses e de donos de engenhos, aqueles que almejavam uma educação superior, onde, por sua vez, existia pouquíssima ou nenhuma penetração de indígenas. Nos colégios, o ensino era formal, as artes ensinadas eram as artes liberais, enquanto que aos índios cabiam as artes de ofício, que naquela época eram tidas como próprias dos escravos.

¹ Capítulo baseado no documentário “História do Ensino da Arte no Brasil - CEAD - EBA – UFMG”, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=GXJeJmE4ns>> Acesso em 07 de março de 2014.

² Informação de acordo com o sociólogo e educador Fernando de Azevedo em seu livro “A cultura Brasileira”.

Figura 1 _ Redução Jesuítica



Fonte: <http://cacholamagica.blogspot.com.br/2013/08/ensinodearteejesuitas.html>

Figura 2 _ Cristo da Ressurreição, final do séc. XIX



Pertenceu à Paróquia de Nossa Senhora da Ajuda de Itaquaquetuba, local de influência jesuítica e de antiga aldeia de índios.

Fonte: <http://www.museuartesacra.org.br/exposicoesvirtuais3.html>

As artes eram usadas como uma forma de fazer a aproximação dos indígenas. Com as artes, os jesuítas conseguiam mesclar elementos da cultura européia com elementos da cultura indígena. Além da arquitetura e da escultura, os jesuítas também usavam música, dança e teatro. Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, o seu sistema de ensino também foi extirpado, sendo as aulas ministradas nos colégios jesuítas substituídas por outras disciplinas como "... aulas régias ou avulsas de Latim, Grego." (GOUTHIER, sem data, p. 12).

Com a saída dos jesuítas do Brasil, acontece um período vazio na educação e então começam a ser absorvidos modelos educacionais vindos do exterior.

Já no ano de 1816, chega ao Brasil a Missão Francesa³, que deu outros rumos para a produção e o ensino de artes no país, até então feitos pelos nativos, mestiços ou escravos, enfim, pessoas simples, que produziam de maneira mecanizada, ou então pelos religiosos, que se baseavam na fé e nos conhecimentos da idade medieval.

O Barroco brasileiro assumiu características próprias, pois os mestres que aqui existiam, por terem contato somente com as referências portuguesas e nelas se basear, “imprimiam” suas percepções em suas produções de maneira livre, assim criando traços próprios da cultura local, ainda em formação.

A Missão Francesa chega ao Brasil a partir da instalação da corte portuguesa por aqui, com a vinda de Dom João VI, que fugira da Invasão Napoleônica em Portugal, se instalando no Rio de Janeiro.

Dom João VI logo iniciou um plano de reestruturação urbana em todos os níveis e, para tal, autorizou a criação de uma equipe de franceses, que teria a função de ensinar e organizar um sistema de artes e ofícios, a fim de fomentar o bom gosto para a produção dos novos moldes da reestruturação urbana prevista. A Missão Francesa era composta por artistas e artífices, que tinha como seu mais importante organizador Joachim Lebreton, que idealizou a criação de um sistema de ensino das Belas-Artes e dos Ofícios, que ainda não existia em Portugal, embora já existisse em cidades importantes da Europa. No entanto, passando por diversos problemas, a Academia de Belas-Artes só foi criada efetivamente no ano de 1826.

Nesse momento, as referências artísticas brasileiras passam a se basear no Neoclassicismo, que substituiu o Barroco brasileiro. A Academia Imperial de Belas Artes, como foi nomeada a instituição, era focada no ensino de artes e não em artes e ofícios como pretendia seu primeiro líder, Joachim Lebreton. Das artes ensinadas pelos franceses, a Arquitetura foi a que obteve mais rápida aceitação, e com ela a consolidação do estilo Neoclássico, em substituição ao Barroco brasileiro. De acordo JUNKEL, RIBEIRO e RASCOE (sem data)

³ Criada com a intenção de formar no Brasil, pessoas capacitadas para as artes úteis, a fim de

No campo da pintura, gravura, desenho e escultura, a arte brasileira alcança apenas um nível superficial e depende de contínuos afluxos de artista estrangeiros, viajantes ou imigrantes. No final do século XIX, a arte erudita chega a alcançar um nível quantitativo bastante significativo, mas sem transformações qualitativas de estrutura e essência, isso só viria a ocorrer no plano da consciência, fixado e realizado em termos estéticos no Brasil, nas décadas de 20 e 30 do século XX.⁴

Figura 3 _ Planta da Academia Imperial de Belas Artes



Fonte: <http://bndigital.bn.br/redememoria/missfrancesa.html>

A partir de 1855, o Ensino de Artes no Brasil deixa de se direcionar ao aprendizado de artes e ofícios e se concentra apenas nas artes livres. Esse fato afasta as pessoas das classes trabalhadoras das escolas de artes e prioriza os membros da classe mais abastada, o que cria um ar de superioridade e distinção a quem se dedicava ao aprendizado de artes. A Arte de Ofícios só passou a ser respeitada a partir da abolição da escravatura, quando os trabalhos manuais deixaram de ser de exclusiva obrigação dos escravos.

De acordo com Ana Mae Barbosa, o início do preconceito contra o Ensino de Artes se dá a partir do primeiro momento acima mencionado, visto que as pessoas passam a ver as artes como algo sem função, ou seja, os que não precisavam trabalhar é que se envolviam com as artes, portanto, estas eram de interesse de uma minoria.

trabalharem no projeto de reestruturação urbana em voga na época.

⁴JUNKEL, Lino; RIBEIRO, Iara; RASCOE, Raquel. *A importância da Missão Francesa de 1816. Projeto Experimental: Arte & Artesanato.* Disponível em <<http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/francesa.html>> Acesso em 01 de setembro de 2013.

As primeiras discussões mais focadas em torno do Ensino de Artes se deram a partir de 1870, quando ainda existia o chamado Ensino de Desenho, que era dado em todas as suas vertentes. Isso aconteceu, pois, nesse período, quando a economia industrial começou a tomar forma no país e, com ela surgindo a necessidade de aplicar o ensino do Desenho nas escolas e capacitar pessoas para as novas funções nas indústrias. Ruy Barbosa foi quem se dedicou e cobrou pelo ensino de Desenho nas escolas.

Em 1948, são criadas as Escolinhas de Arte do Brasil, que eram voltadas para o público infantil, educando de uma maneira não-formal, portanto, as primeiras instituições de ensino moderno no Brasil. De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural:

Outro traço importante do perfil e da atuação da Escolinha diz respeito às tentativas que empreende para difundir concepções mais modernas na área da educação artística com criação de veículos próprios como o jornal Arte & Educação, editado a partir de 1970. A produção de materiais específicos para o ensino de arte é outra inovação da Escolinha de Arte do Brasil, que sistematiza, pela primeira vez, técnicas pouco conhecidas e, até hoje, utilizadas pelas escolas: lápis de cera e anilina; lápis de cera e varsol; desenho de olhos fechados; impressão e pintura de dedo, mosaico de papel; recorte e colagem coletiva sobre papel preto; carimbo de batata; bordado criador, desenho raspado e de giz molhado, entre outras.⁵

O Movimento Modernista foi o momento da História que desencadeou a possibilidade de trazer para dentro das salas de aula a concepção da livre expressão, com a Arte produzida sem a obrigatoriedade de seguir as formalidades com respeito ao realismo e exatidão das formas. As crianças tinham a liberdade de se expressar conforme seus sentimentos e a cópia era combatida. O ponto-chave é que os artistas em atuação na época chegavam a esse nível de maneira consciente, por fruto de estudo profundo, enquanto que, nas escolas, as crianças faziam como queriam, sem serem orientadas adequadamente.

A partir de 1971, passa a vigorar a nomenclatura Ensino de Arte em substituição ao Ensino de Desenho. O Ensino de Arte nas escolas se transforma na produção de

presentinhos, lembrancinhas e coisas de decoração, se distanciando do que na realidade é a Arte.

Nas escolas, são ensinadas as técnicas de maneira repetitiva, e o uso dos materiais aplicados às mesmas. As crianças eram ensinadas a manusear giz de cera, tintas, faziam desenhos geométricos, etc. Entendia-se que a criança que aprendia a usar os materiais estava apta a produzir Arte. Também nessa mesma época, influenciado pela Psicologia, o Ensino de Arte fundamentava-se na livre expressão, propondo que o que a criança fizesse e entendesse como arte seria o suficiente.

Na criação da Lei de Diretrizes e Base da Educação, de 1996 - LDB, Darcy Ribeiro, enquanto relator nomeado criou um projeto onde não era incluída a disciplina de Ensino de Arte. O fato mobilizou toda a classe de arte-educadores, que se empenhou em conseguir que a disciplina fosse incluída no projeto como disciplina obrigatória.

No final dos anos 80 do século XX, Ana Mae Barbosa sistematiza a teoria da Abordagem Triangular, que consiste em entender que o sujeito, para conseguir absorver a Arte e entendê-la, precisa, independentemente da ordem, fazer Arte, ver Arte e contextualizar o fazer e o ver. Grande parte da falta de adesão à Arte Contemporânea se deve ao fato das pessoas não conseguirem contextualizar o que experimentam e, dessa maneira, não conseguindo usufruir das artes com que têm contato.

⁵ Disponível

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=marcos_texto&cd_verbete=3757&cd_item=10&cd_idioma=28555> Acesso em 02 de setembro de 2013.

2 _ IDEALIZAÇÃO _ DIAGNÓSTICO

Este capítulo trata de um diagnóstico feito por meio de questionário, com a finalidade de traçar um perfil dos principais atores envolvidos no Ensino de Artes: Alunos e Professores. Com a pesquisa, busca-se entender como é o “cenário” nas escolas, como os alunos percebem a disciplina, sob a ótica da aplicabilidade e importância em sua formação, de que modo os professores lidam com as dificuldades encontradas e com a carência de material didático e espaço físico para trabalhos práticos. Também será traçado um panorama da construção do Ensino de Artes ao longo da vida acadêmica dos alunos, a partir da análise de questionários aplicados em professoras, desde o Ensino Infantil ao Ensino Fundamental e Médio.

Questões submetidas aos alunos:

Questão 1_Você tem ou já teve aulas de Artes em sua escola?

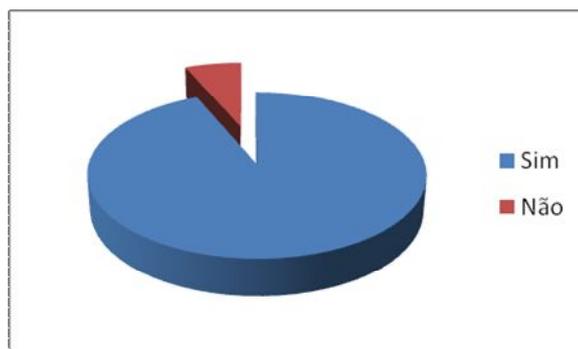


Gráfico 1 _ Alunos _ Questão 1

Questão 2 – Você considera as aulas de Artes importantes? Por quê?

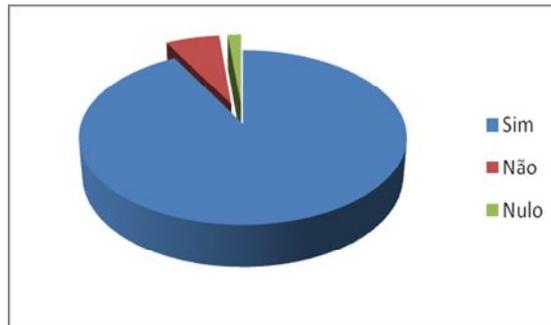


Gráfico 2 _ Alunos _ Questão 2

58 alunos consideram as aulas de Artes importantes e ressaltam que contribuem para sua formação profissional, devido ao exercício de desenhar, requerido em áreas como Engenharia e Arquitetura. Admitem que as aulas são um momento de relaxamento e prazer

Questão 3_ Em relação à disciplina de Artes:

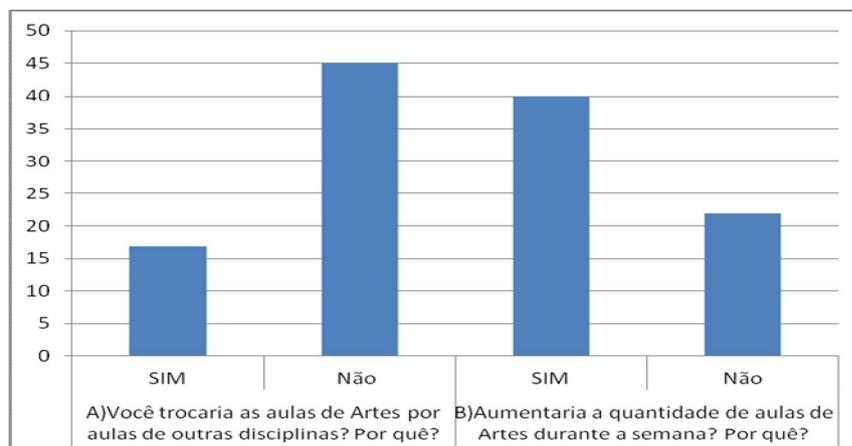


Gráfico 3 _ Alunos _ Questão 3

17 alunos julgam que a disciplina tem sua importância, porém, que outras disciplinas irão lhes acrescentar mais em aprendizado. Alegam que trocariam as aulas de Artes por aulas de outras disciplinas que mais lhes interessam, como Educação Física, Informática, Português e Inglês.

45 alunos percebem a importância das aulas de Artes e que tem a mesma importância das outras disciplinas, para uma futura formação profissional. Dizem ser uma disciplina que proporciona momentos prazerosos e que, por meio das aulas, é possível aprender a desenhar melhor e conhecer obras de Arte e artistas.

40 alunos dizem que as aulas não são suficientes para o desenvolvimento das atividades e por isso aumentariam a quantidade de aulas por semana, além de ressaltarem o caráter prazeroso das atividades práticas, como desenho, por exemplo.

22 alunos acham que uma aula de Artes por semana é o suficiente, e complementam a resposta, dizendo que não gostam da disciplina ou não veem importância e aplicabilidade da mesma.

Questão 4_ Seu (a) professor (a) já pediu para que você trouxesse algum material para ser usado nas aulas de Artes?

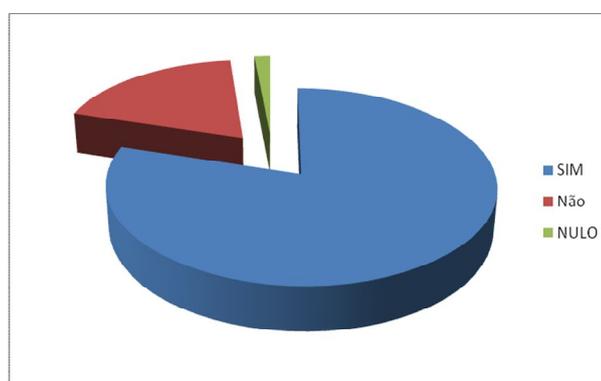


Gráfico 4 _ Alunos _ Questão 4

51 alunos responderam que em algum momento, o(a)s professores(a) pediram que trouxessem materiais de casa para serem usados em sala. Isso pode ser um reflexo da escassez de material disponível para Artes nas escolas, o que leva os professores a buscar maneiras alternativas de elaborarem suas aulas práticas.

12 alunos responderam que os professores não pedem que tragam material de casa para uso em sala de aula.

Questão 5 _ Você já criou algo que considere arte durante as aulas de Artes? Por quê? Explique.

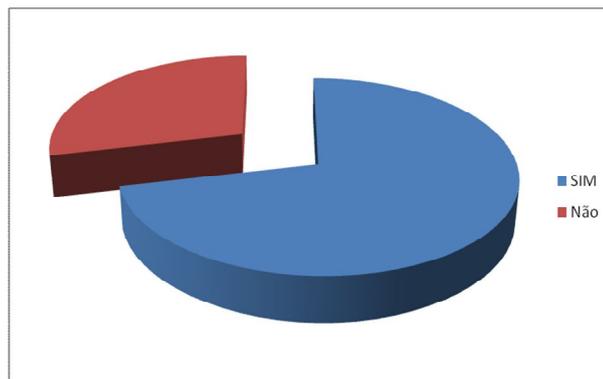


Gráfico 5 _ Alunos _ Questão 5

45 alunos responderam que já criaram algo que consideram arte, no entanto, ao explicarem o motivo de classificar como arte suas produções, poucos explicitaram que produzir arte é se expressar e demonstrar e/ou provocar, de alguma forma, sentimentos e reações, por meio de desenhos, pinturas, etc.

A maioria entende que, ao criarem peças de artesanato e decorativas, estão criando Arte. Os alunos relataram que desenvolveram uma peça decorativa para um evento da escola, intitulado “Intercâmbio Cultural”, onde eles trocam correspondências com alunos de outras escolas e, ao final de um período, se encontram em um evento e se conhecem pessoalmente. A peça produzida era um presente para seus correspondentes, a mesma devendo ser caracterizada conforme sua personalidade e gosto pessoal, ou seja, teria que ter sua “cara”. Com essa atividade, os alunos tiveram a chance de produzir Arte, pois esta peça foi fruto da expressão pessoal de cada um. O que chama atenção é que, em seus relatos, a maioria dos alunos entende que a peça é uma produção de arte pelo aspecto decorativo e trabalho manual e não pela expressividade que “imprimiram” nela.

18 alunos consideram que nunca criaram Arte. Para eles, nada que fazem durante as aulas pode ser considerado Arte; eles não se justificam, apenas dizem que não consideram como Arte o que realizaram nas aulas.

Questão 6 _ Já participou de algum evento de Arte, visitou exposições ou museus?
Qual?

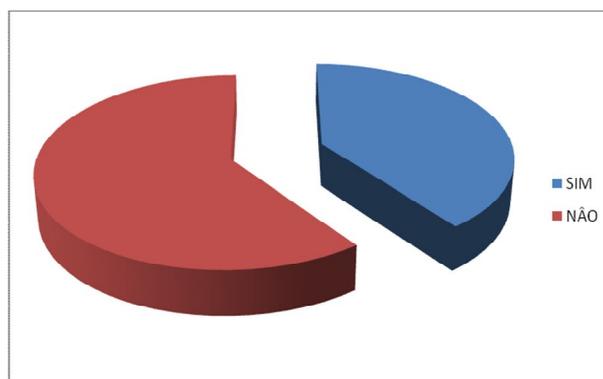


Gráfico 6 _ Alunos _ Questão 6

25 alunos afirmaram que já visitaram museus. 38 disseram que nunca participaram de qualquer evento de Arte, ou seja, não têm contato com Arte. Esse fato destaca uma possível razão dos alunos não conseguirem entender bem ou identificar o que é uma expressão artística. Eles têm pouco ou nenhum contato com a mesma. Embora a maioria tenha respondido que já produziu algo que considere Arte, eles não conseguem definir muito bem o que isto seja. Não conseguem delimitar o conceito de Arte. O fato dos alunos terem pouco contato com Arte limita a possibilidade deles a experienciarem, compreendê-la e contextualizá-la.

Questão 7 _ Em que você acha que as aulas de Artes vão ajudar em sua formação?

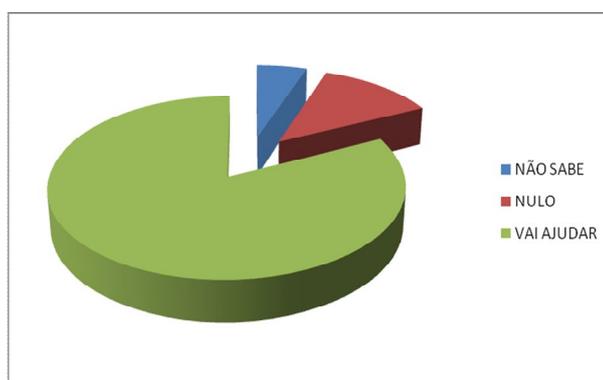


Gráfico 7 _ Alunos _ Questão 7

46 alunos acreditam que as aulas de Artes irão contribuir em sua formação profissional, principalmente os que pretendem seguir carreira na Arquitetura ou Engenharia Civil. Para eles, essas profissões requerem o domínio da habilidade de desenhar e, para isso, as aulas de Artes contribuirão. Também ressaltam que todos os conhecimentos adquiridos são relevantes e as Artes não são menos importantes.

Ressaltam a importância de constar o estudo de Artes em seu currículo, como um diferencial positivo. Dizem que é importante, para desenvolver a criatividade, conhecer pinturas e artistas famosos. Há também aqueles que percebem a sua importância, mas, no entanto, têm dificuldade em explicitar a aplicabilidade da disciplina.

17 alunos não sabem, nela não vêem importância ou não responderam. Dos que disseram não ter importância, alguns não explicaram, outros dizem que há disciplinas mais importantes.

Questão 8 _ Em sua vida, qual a importância das Artes?

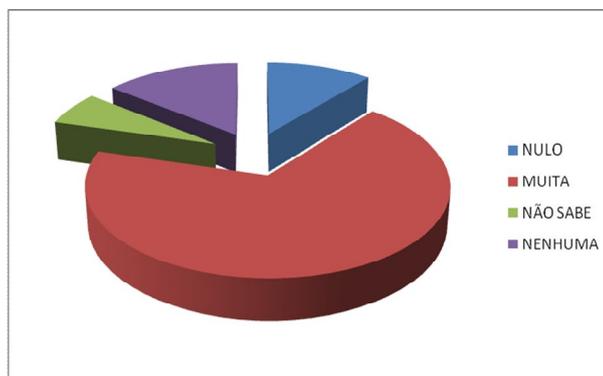


Gráfico 8 _ Alunos _ Questão 8

43 alunos responderam que as Artes tem influência sob suas vidas, ressaltam que as Artes contribuem para a formação profissional, no caso da Arquitetura e Engenharia Civil. Compreendem que as Artes fazem parte da vida do ser humano, como um meio de se expressar e de ampliar horizontes, e assim, compreender melhor a vida.

Para eles, estudar grandes pintores e suas obras irá enriquecer o seu repertório cultural proporcionando um despertar da criatividade, “abrindo” a mente e dando acesso a um mundo diferente, onde pensavam que não conseguiriam penetrar. Dizem que Artes trazem alegria, que tornam os ambientes mais harmoniosos. Reconhecem que as Artes estão em todos os lugares e são frutos da obra humana e/ou da natureza. Um aluno define a importância das Artes com a seguinte frase:

“Ver e viver a vida de um jeito melhor, com olhar mais amplo para aquilo que as outras pessoas não conseguem ver”.

20 alunos não percebem importância, não gostam ou não sabem opinar sobre o porquê das Artes serem importantes.

2.1_Perfil geral dos alunos _ Diagnóstico

Diante do exposto, após aplicar os questionários, pode-se traçar um perfil dos alunos das escolas da Rede Pública de Jaboticatubas, com relação à percepção que têm sobre a disciplina de Artes. De um modo geral, os alunos têm ou já tiveram contato com o Ensino de Artes, no entanto, de maneira não-sequencial, o que influi diretamente na qualidade do aprendizado e percepção da importância e aplicabilidade da disciplina em suas vidas.

O componente formador e necessário para a complementação educacional é percebido por eles; no entanto, ao se pedir que expliquem de maneira mais contextualizada e com propriedade sobre a importância das Artes, eles são superficiais. Entendem a Arte de maneira limitada, como prática de desenho e de exercícios que proporcionam o treino para atividades muito específicas, como o desenho arquitetônico ou de engenharia. Nota-se aí que a noção de Artes voltada para o aprendizado de ofícios ainda se perpetua. Eles associam importância à aplicabilidade prática, de maneira mais técnica e não como expressão em si.

A escala reduzida de uma aula de Artes por semana é vista como algo a ser mudado, pois entendem que é preciso ter mais tempo para assimilar o aprendizado, porém, não admitem trocar a disciplina por qualquer outra, o que é um fato a ser destacado. Embora ainda não consigam “amadurecer” o conceito de Arte, entendem que é importante e necessário estar em contato com a mesma em ambiente acadêmico.

De modo geral, ainda têm pouco contato com Artes e os que relataram ter tido contato citaram visitas a museus, o que é válido, porém, não basta. Sabe-se que ter contato com a Arte, saber e conseguir consumi-la, só é possível por meio da experimentação. O sujeito que não tem essa vivência, dificilmente irá despertar, por si só, uma percepção mais “apurada” diante de qualquer obra que seja.

Ficou claro que os alunos ainda não conseguem entender de fato como tirar um maior proveito das aulas de Artes. Isso é fruto de uma defasagem na formação dos mesmos, pois embora tenham o primeiro contato logo nos anos iniciais, só vão ter contato com Artes novamente em uma série do Ensino Fundamental e mais uma do Ensino Médio. Existe um verdadeiro “buraco” na formação dos alunos e, assim, ficam com noções fragmentadas sobre Arte. Tendem a classificá-la conforme o primeiro contato que tiveram, ainda na infância, quando as “aulinhas” de atividades manuais priorizavam o desenvolvimento da coordenação motora e proporcionavam momentos de diversão e brincadeira. Claro que essa etapa tem muita importância, no entanto, não pode ser considerada efetivamente como Ensino de Artes.

Questões submetidas às professoras

Questão 1_ Qual o nome dado à disciplina que lida com o Ensino de Artes na escola em que você leciona?

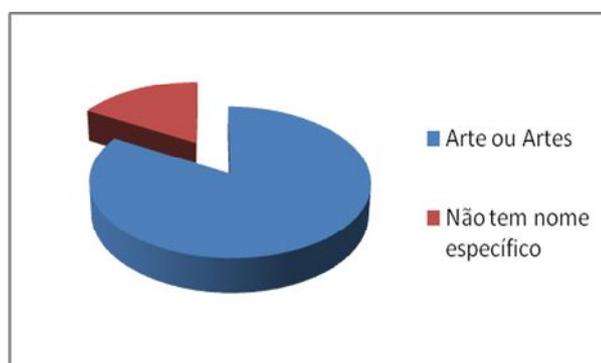


Gráfico 9 _ Professoras _ Questão 1

Sobre a nomenclatura dada à disciplina que lida com o Ensino de Artes, a maioria das respostas foi Arte ou Artes, entretanto, percebe-se que as professoras do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), trabalham com Artes de maneira a

complementar as outras disciplinas e não com foco nas Artes em si. Uma professora respondeu: “No Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), as aulas de Artes estão sempre ligadas aos outros conteúdos, para complementá-los e torná-los mais prazerosos.”. A partir dessa afirmativa, pode-se perceber que, até essa faixa etária, as crianças ainda não têm contato específico com as Artes. Até então, elas têm aproximação com o seu aspecto lúdico. As aulas de Artes entram como uma complementação, a fim de trazer elementos lúdicos para a sala de aula. A disciplina de Artes, propriamente dita, só surge a partir do 6º ano (antiga 5ª série).

Questão 2 - Quantas aulas de Artes, em média, você leciona durante a semana?

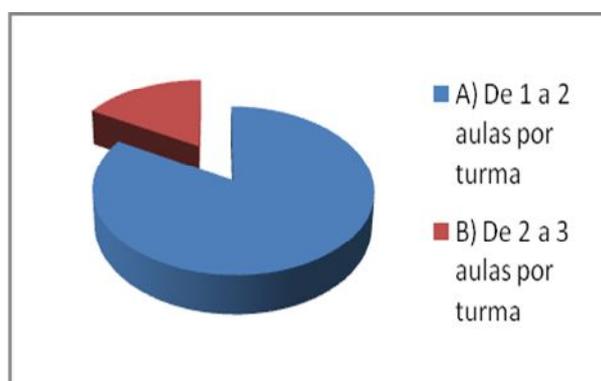


Gráfico 10 _ Professoras _ Questão 2

A maioria das professoras respondeu que leciona de 1 a 2 aulas de Artes por turma, durante a semana. Somente duas responderam que lecionam de 2 a 3 aulas de Artes por turma, durante a semana. Diante dessa realidade, nota-se que o tempo dedicado ao Ensino de Artes ainda é muito inferior ao das demais disciplinas. Isso não se deve à falta de conteúdo, visto que o campo das Artes é muito amplo. Então, o que atribuir como causa desse pouco espaço dado à disciplina? Os profissionais da educação estão despreparados? Há descaso com as Artes por parte das esferas do governo?

Questão 3_Lecionando Artes uma vez por semana, por turma, o que você acha da:

a) Qualidade da explanação das aulas:

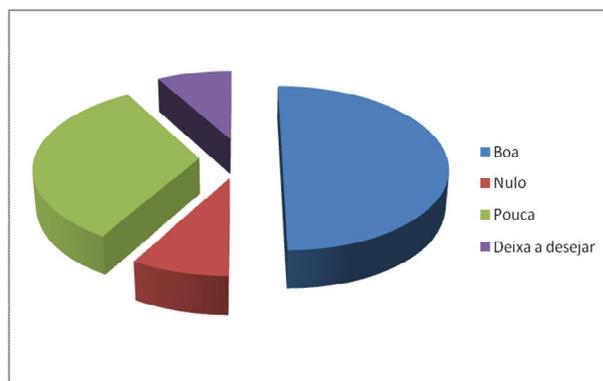


Gráfico 11 _ Professoras _ Questão 3 (a)

A maioria julga que a qualidade da explicação das aulas é boa , embora o tempo seja curto. Elas demonstram que se esforçam para transmitir aos seus alunos o máximo de conteúdo possível. No entanto, a maioria que deu essa resposta são professoras do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), ou seja, até esse período a disciplina de Artes tem caráter lúdico e de complementação somente. Já para as professoras das séries seguintes, a resposta foi contrária: para elas, o tempo não é satisfatório e por isso o conteúdo precisa ser condensado.

b) Qualidade das atividades práticas:

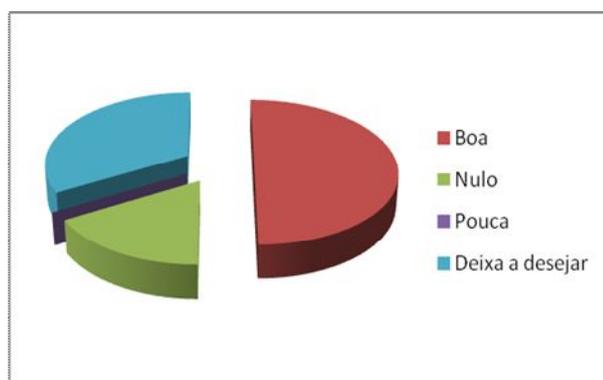


Gráfico 12 _ Professoras _ Questão 3 (b)

A maioria das professoras respondeu que a qualidade das aulas práticas é boa, embora o tempo seja curto. Estas, em sua totalidade, lecionam para o Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), ou seja, evidencia ainda mais o fato de que as práticas, nessa fase, são simples e não requerem muito dos alunos, sendo trabalhos mais manuais. As professoras que lidam com as séries seguintes responderam que o tempo é insuficiente, relatando que, na maioria das vezes, os alunos precisam levar

os trabalhos iniciados durante as aulas para terminarem em casa. Assim, pode-se perceber que os alunos, além de trazerem pouca “bagagem” sobre Artes, encontram muita dificuldade na execução das tarefas práticas, o que ainda é agravado pelo tempo escasso em ambiente escolar.

c) Qualidade do aprendizado dos alunos:

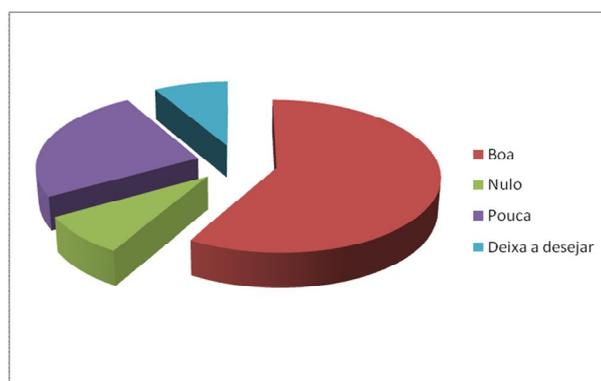


Gráfico 13 _ Professoras _ Questão 3 (c)

A maioria das professoras, alega que a qualidade do aprendizado dos alunos é satisfatória, no entanto, essa qualidade esta relacionada à facilitação de assimilação de conteúdo, advindo da complementação das Artes como elemento lúdico, ou seja, para elas, o que é bom é o aprendizado de uma maneira geral e não o aprendizado da Arte em si. Para as professoras das séries posteriores, a percepção de aprendizado é pouca ou insuficiente, uma delas tendo dito: “Têm grande dificuldade, gostam de fazer artesanato”.

Questão 4_ Você considera suficiente o número de aulas que você leciona por turma? Por quê?

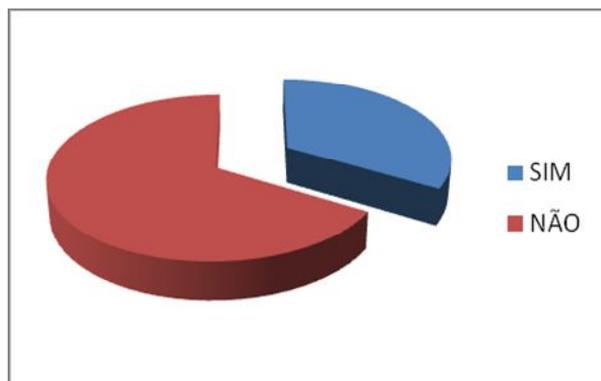


Gráfico 14 _ Professoras _ Questão 4

A maioria das professoras considera o número de aulas de Artes, lecionadas por turma, insuficiente. Entre as justificativas, variam respostas entre dizer que não dá para trabalhar o conteúdo, e que os alunos gostam da aula, mas logo quando começam a assimilar algo, o tempo termina.

Questão 5_O que o (a) motivou a lecionar Artes?

A maioria diz ter afinidade com as Artes e que sempre procura estar em contato com todas as formas de Arte, por influência familiar ou por iniciativa própria. Atribuem ao Ensino de Artes o desenvolvimento da criatividade das crianças e também o desenvolvimento da sensibilidade. É possível, também, perceber que a motivação em levar Artes para sala de aula vem da necessidade de buscar elementos lúdicos para envolver os alunos e proporcionar momentos de relaxamento.

Questão 6 _ Quando você cursou o Ensino Fundamental, se lembra de ter tido o Ensino de Artes em algum momento?

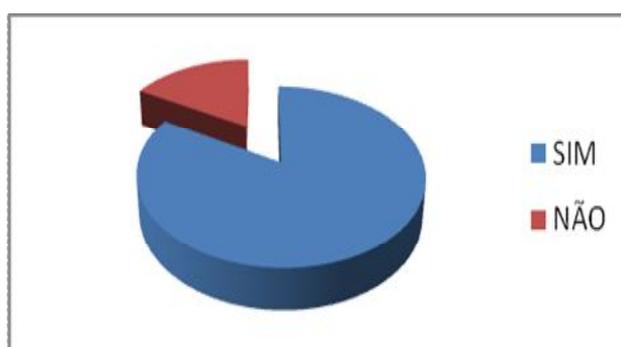


Gráfico 15 _ Professoras _ Questão 6

Questão 7 _ Se respondeu positivamente a pergunta anterior, se lembra de como eram as aulas? Relate a importância que essas aulas tiveram para você, do ponto de vista da criatividade.

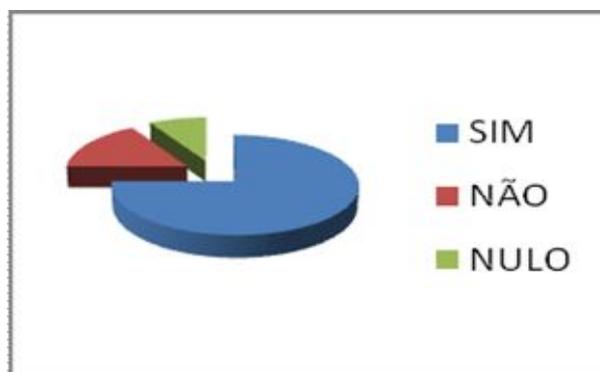


Gráfico 16 _ Professoras _ Questão 7

Recordam como foram as aulas de Artes que tiveram durante o Ensino Fundamental. Relatam que tiveram aulas de desenho, colagens, pinturas e artesanatos em geral. Mencionam que as aulas contribuíram para o despertar da criatividade, e isso contribuiu para a facilidade que hoje têm com trabalhos e tarefas manuais. Percebe-se que o que elas atribuem como aula de Artes vem da formação que tiveram ainda no Ensino Fundamental. Elas reproduzem em sala as habilidades que desenvolveram naquela época.

Questão 8 _ Em sala de aula, você desenvolve atividades em que o (a) aluno (a) possa contextualizar, experimentar e produzir arte?

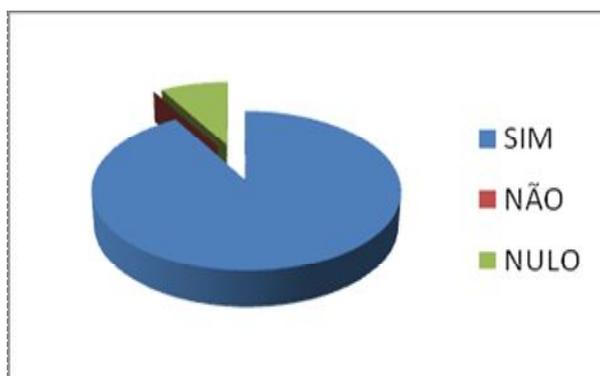


Gráfico 17 _ Professoras _ Questão 8

Questão 9 _ Como é o ambiente disponível em sua escola para as aulas práticas de Artes?

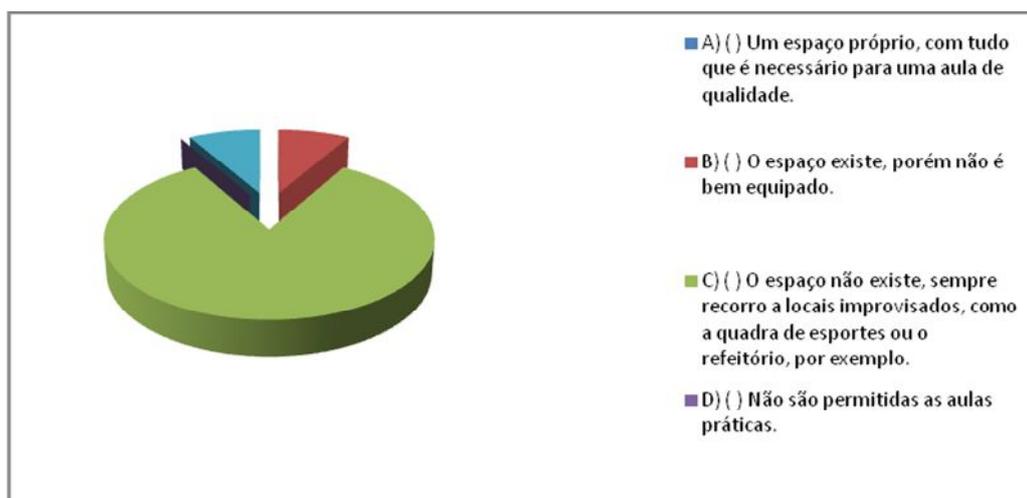


Gráfico 18 _ Professoras _ Questão 9

A maioria respondeu que o espaço não existe e que sempre recorrem a locais improvisados, como a quadra de esportes ou o refeitório, por exemplo. Isso comprova que ainda não existe uma preocupação maior com a qualidade do auxílio dado às aulas de Artes. Não existir um espaço destinado à mesma demonstra que a disciplina não é efetivamente considerada ao se planejar o ambiente escolar. As professoras precisam recorrer ao improviso e desenvolver atividades em ambientes inadequados. Tudo que é feito de maneira improvisada pode levar ao entendimento de que sua importância é menor. Como mostrar aos alunos que Arte é importante, se eles fazem suas atividades na mesa da merenda ou na quadra de esportes?

Questão 10 _ Se, na questão anterior, você respondeu B, C, D ou E, como você faz para superar ou contornar as dificuldades?

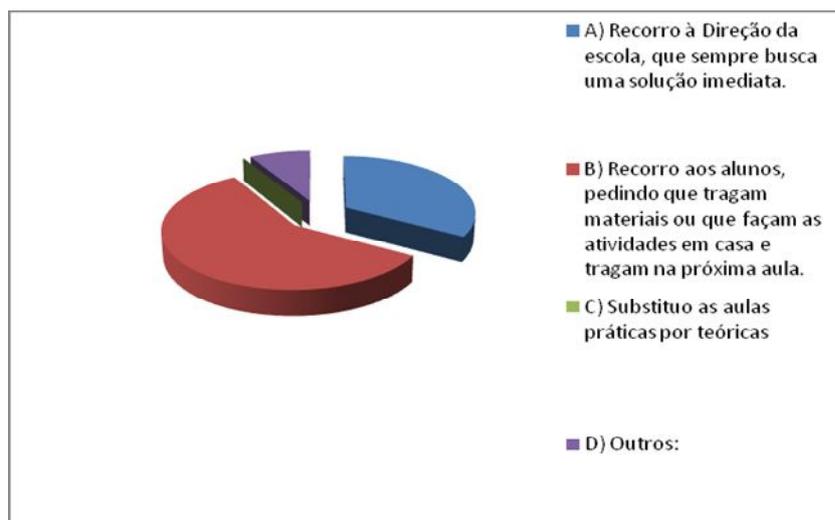


Gráfico 19 _ Professoras _ Questão 10

A maioria diz recorrer aos alunos pedindo que tragam materiais ou que façam as atividades em casa e as tragam na próxima aula. Uma parcela considerável diz que tem apoio da Direção da escola sempre que necessitam. Embora haja empenho dos atores envolvidos, a estrutura destinada ou não às aulas de Artes é precária e prejudica muito o resultado final do processo de ensino. Não foi possível visualizar, nas escolas, a existência de um ambiente propício ao desenvolvimento de todas as potencialidades da disciplina de Artes.

Questão 11 _ Você desenvolveu algum material didático próprio para lhe auxiliar durante as aulas? Se responder sim, conte um pouco sobre ele:

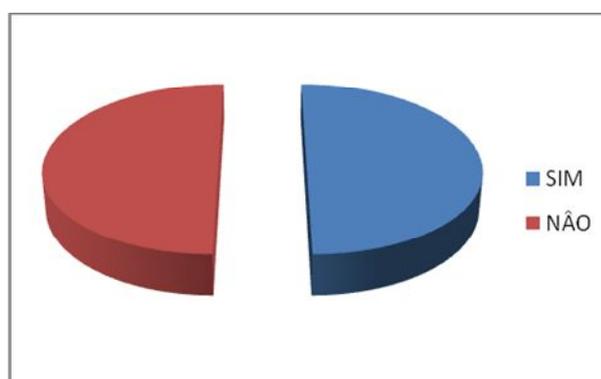


Gráfico 20 _ Professoras _ Questão 11

A metade que diz que desenvolveu material didático, no entanto, não o criaram propriamente, recorrendo a materiais alternativos, como revistas, sucatas, materiais

recicláveis e coisas do tipo. Somente uma relatou ter desenvolvido tintas de materiais orgânicos. Elas lidam com o que é possível, dentro da realidade das escolas da Rede Pública.

Questão 12 _ Com base em sua experiência, como você diagnostica a percepção da comunidade acadêmica em torno da disciplina de Artes?

Em “massa”, as repostas foram no sentido de que a disciplina ainda sofre preconceito no meio acadêmico, pois uns a julgam como sem importância e outros a entendem como disciplina apenas recreativa.

Questão 13 _ Comparando o apoio dado a disciplinas como Português e Matemática ao apoio dado a Artes, o que você destaca?

Em “massa”, as respostas enfatizam que, em comparação, Artes recebem menos apoio que Português e Matemática. Dizem que talvez seja mais interessante para o governo potencializar os índices de aprendizagem, que são medidos por meio do aproveitamento em Português e Matemática. Também alegam que muito dos professores não têm conhecimento teórico suficiente para valorizar o Ensino de Artes.

2.2_Perfil geral das professoras – Diagnóstico

As professoras pesquisadas lecionam no Ensino Infantil, Fundamental e Médio. Todas atuam na Rede Pública Estadual e Municipal das cidades de Jaboticatubas, Belo Horizonte e Contagem. A formação acadêmica da maioria é em Normal Superior, 3 são formadas em Licenciatura em Educação Artística e 1 em Matemática, a qual foi efetivada com duas aulas de Artes no Estado. O tempo de atuação profissional varia entre 2 e 40 anos de profissão.

Ficou claro, ao realizar-se esta pesquisa, que a disciplina de Artes está presente no Ensino Fundamental e que as professoras a colocam em prática, porém, a abordagem não contempla plenamente a Arte enquanto meio de expressão e desenvolvimento pleno do ser humano, como ser criativo. Embora entendam que a Arte tenha essa função, as professoras do Ensino Fundamental, aqui pesquisadas, dão um enfoque voltado para o lado lúdico e, algumas vezes, recreativo.

Nas séries mais avançadas do Ensino Fundamental, quando finalmente a disciplina ganha um pouco de espaço e se configura como parte da grade de curricular, efetivamente, o seu desenvolvimento torna-se, por vezes, complicado, visto que os alunos ainda não conseguem compreender de fato a disciplina. Outro fator que agrava a questão é a falta de estrutura física e tempo hábil para o exercício prático, que é tão necessário para que os alunos possam produzir arte.

Todas as professoras tiveram e procuram sempre ter contato com as Artes, entendendo-as como fundamentais para o ser humano, para estimular a criatividade e sensibilidade.

O principal problema percebido é a falta de apoio dos órgãos responsáveis e o preconceito persistente ainda sofrido, mesmo no meio acadêmico, onde isso não deveria acontecer.

A falta de estrutura no ambiente escolar, o preconceito e a noção superficial com que os alunos são iniciados nas Artes, fazem com que o negligenciamento da disciplina se perpetue.

2.3_Percepção da realidade

Finalizando a análise desses dois atores: Professoras e Alunos, é possível traçar um diagnóstico geral. Tanto alunos quanto professores percebem a importância da Arte. Os alunos, no entanto, ainda não conseguem percebê-la plenamente e entender sua

aplicabilidade. Chegam a confundi-la com trabalhos artesanais, momentos de relaxamento somente ou uma forma de praticar desenho. Por sua vez, as professoras, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, potencializam atividades lúdicas como forma de complementar os conteúdos das demais disciplinas, consideradas mais importantes, como Português e Matemática.

Ao ingressarem nas séries finais do Ensino Fundamental e início do Ensino Médio, os alunos só tem contato com o Ensino de Artes em mais dois momentos, um em cada ciclo. Esse espaço de tempo entre as séries iniciais e finais faz com que os alunos não tenham a oportunidade de construir, de maneira consistente, o aprendizado sobre Artes. Como resultado dessa defasagem, o que os alunos conseguem assimilar das Artes se restringe ao primeiro contato que tiveram há tempos atrás.

Outro agravante é a falta de apoio dado à disciplina, visto que não existe ambiente e nem material apropriado disponível nas escolas, e assim, as aulas acabam sendo dadas de maneira improvisada.

3_LIDANDO COM OS RECURSOS DISPONÍVEIS

Até aqui, foi traçado um panorama da evolução do ensino de Artes no Brasil. Mediante levantamento de histórico do ensino e aplicação de questionários, pode-se concluir que a disciplina de Artes é carente de apoio, fato que compromete o seu desenvolvimento pleno.

O “cenário” encontrado pelos professores da rede pública é, por vezes, desanimador. Materiais de uso básico, como tintas, papéis variados, telas, câmeras fotográficas, etc., são raros no ambiente escolar. Mesmo assim, o professor precisa encontrar meios de superar essas dificuldades e seguir lecionando.

É um desafio diário os professores criarem planos de aula, sabendo que não podem contar com muitos recursos dentro do ambiente escolar, por isso, a busca por alternativas ao material didático convencional é constante. Há professores que custeiam a compra de materiais com recursos próprios, no entanto, essa prática não é recomendada, visto que, em longo prazo, o professor pode ter sua renda muito comprometida.

Alternativas para criar materiais, como tintas de sementes, terra e carvão, papéis de material reciclado, por exemplo, são possíveis. Se o professor dedicar um pouco de tempo a pesquisas, encontrará essas e outras alternativas, por disponibilização na *Internet*, em manuais impressos e pelo próprio conhecimento comum.

Em ambiente pouco propício para a prática de atividades da disciplina de Artes Visuais, nas escolas públicas, como lidar com essa realidade, já que a mesma tem na prática um de seus pilares?

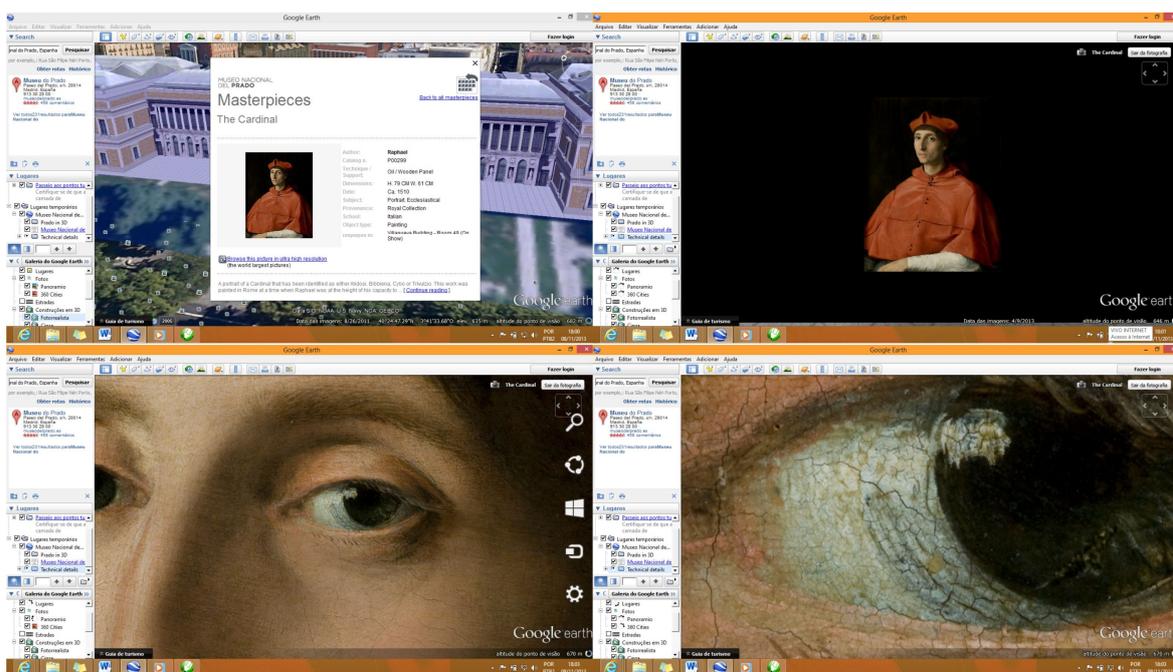
Nesse momento, pode-se ressaltar a criatividade como elemento principal. Acima de qualquer técnica e/ou material disponível, há a criatividade e por isso, quanto mais estimulada, mais produtiva ela será. A situação que primeiramente é desanimadora

pode ser revertida em ponto positivo. Nada melhor para desenvolver o potencial criativo do que um desafio!

Hoje em dia, ao alcance do professor e dos alunos, existe um meio que, se bem direcionado, pode gerar bons “frutos”: a *Internet*. É possível ter acesso a obras expostas em grandes museus renomados, pelo meio virtual. A virtualização dos museus democratizou o acesso a obras de vários artistas, em alta resolução e com gratuidade.

Essa ferramenta não substitui as aulas práticas, mas, como uma alternativa possível, para que os alunos possam apreciar uma obra, é de grande valor, além de ser uma ferramenta ao alcance da maioria dos jovens e adolescentes. O Museu Nacional do Prado, na Espanha, em parceria com o Google, disponibilizou todas as obras de seu acervo, em alta resolução, no ambiente virtual, com acesso livre.

Figura 4_ Museu Nacional do Prado, Espanha _ Obra em detalhes.



Fonte: Museu Nacional do Prado_Google Earth

Valer-se da cultura regional, para contextualizar o ensino, também é um caminho interessante, pois os alunos terão um envolvimento maior com as aulas. A aproximação virá por meio da familiaridade cultural. Além de integrar a escola à

comunidade, quando o professor traz elementos regionais para a sala de aula, ele desperta no aluno uma maior afinidade com a Arte e o fazer artístico.

3.1_Análise de um livro didático

Lidar com o ensino de Artes Visuais, valendo-se somente de livros didáticos, que por sua vez são raros nas escolas públicas, não é suficiente. Segundo LOYOLA (2011):

O material didático para Artes Visuais deve ser instigante e despertar a curiosidade dos alunos, deve “tocá-los esteticamente”, no sentido de provocar estímulos e interesse em saber do que se trata, do que é feito, da possibilidade de experimentá-lo e compreendê-lo etc.⁶

O Programa Nacional do Livro Didático disponibilizou, em um livro multidisciplinar, direcionado para os alunos EJA – Educação de Jovens e Adultos, do 6º ao 9º ano, uma seção para as Artes, composta por duas unidades, contendo quatro capítulos no total. O livro está organizado da seguinte forma:

Unidade 1_Trabalho e consumo

Capítulo 1_ Artista trabalhador

O capítulo propõe a leitura da fábula *A cigarra e a formiga*; em sequência, o aluno deve responder a sete perguntas de interpretação do texto. A fábula trata da história de uma formiga que trabalha e uma cigarra que só quer saber de cantar, sem se preocupar em fazer reserva de alimento para o inverno que está por vir. Ao chegar o inverno, a formiga, que trabalhou todo o verão, tem reserva suficiente de alimento, enquanto a cigarra, que cantou durante todo o período, não tem nenhuma reserva. Ao pedir ajuda para a formiga, a cigarra ouve da mesma que, se ela passou todo o verão a cantar, que agora no inverno irá dançar.

⁶ Trecho extraído de texto: Abordagens sobre o material didático no ensino de Artes Visuais da disciplina: Laboratório de Ensino de Artes Visuais, Curso de Esp. no Ensino de Artes Visuais, Escola de Belas Artes – EBA, Universidade Federal de Minas Gerais. Professor: Geraldo Loyola. Belo Horizonte, MG, 2011.

As reflexões propostas a partir da fábula são no sentido de pensar a visão que a sociedade, de maneira geral, tem do artista. A cigarra, enquanto cantora, representa os artistas. A partir desse comparativo, o aluno é convidado a pensar como os mesmos são caracterizados.

Em sequência, é exposta uma entrevista com uma atriz e contadora de histórias, que narra sua rotina profissional e também fala sobre a relação da fama com o trabalho do ator. Com essa entrevista, os alunos são levados a refletir sobre a noção que têm sobre a rotina dos artistas, e se os meios de comunicação de massa transmitem a realidade da profissão.

Em sequência às leituras, como tarefa, os alunos devem fazer um trabalho de pesquisa para conhecerem os artistas de sua região. A intenção da tarefa é levá-los a conhecer a realidade da arte local. Outra atividade proposta é a análise de uma foto de um teatro. Os alunos são indagados a fim de saber se conhecem, se sabem para que serve, se já frequentaram um teatro e se imaginam como se dá a produção de uma peça teatral.

Em complementação à atividade, segue um texto que trata de elucidar sobre o artista e o fazer artístico. Abordando as noções que muitas pessoas têm sobre o artista, como alguém excêntrico, que cria somente por um momento de inspiração sublime, ignorando que existe um trabalho de pesquisa e dedicação. Enfim, a discussão do texto vai no sentido de demonstrar o papel do artista enquanto profissional.

Como atividade, é proposto aos alunos que façam uma simulação de entrevista entre os colegas, para posteriormente fazerem uma entrevista real com um artista local.

Para encerrar o capítulo, é proposta a leitura de um texto que trata de um paralelo entre a arte e a brincadeira. O texto discute a relação que muitas pessoas fazem da arte, enquanto recreação, com algo de importância menor. A interpretação do texto é direcionada no sentido de levar o aluno a refletir sobre a importância dada às

coisas que trazem alegria e as coisas mais práticas da vida. A proposta é trazer à discussão a importância das artes na vida das pessoas, levando os alunos a pensar sobre o que é a profissão artística.

Capítulo 2_Arte e consumo

O capítulo é iniciado com duas imagens de trabalhos do pintor francês Edgar Degas (1834-1917), da série *Saída de Banho*. Os alunos são indagados sobre o preço de venda de uma das obras e sobre o preço do convite de uma exposição do artista citado.

A proposta visa levar à reflexão sobre a relação entre consumo e compra de arte. É feito um comparativo entre o valor de venda de uma das obras por 12,4 milhões de dólares e o valor de 15 reais, cobrado pelo ingresso de entrada na exposição do referido pintor.

Os alunos são levados a pensar se o consumo de arte está, obrigatoriamente, relacionado às altas quantias em dinheiro e assim, é feito um paralelo entre compra e consumo de arte. Embora o acesso e o consumo de uma obra de arte tenham valores distintos, a sua importância é medida mais pelo significado que tem para a pessoa do que pelo valor monetário em si.

A questão do consumo de arte é discutida, enfocando que o seu valor é percebido, não de maneira material, como a aquisição de um bem de consumo, mas pelo que representa e desperta, variando conforme o contexto ao qual está inserida.

Em sequência às leituras, os alunos são orientados a criar algum objeto que julguem ser artístico, usando materiais baratos como jornais, revistas, ou qualquer outro material que tenham em casa. O objeto deve representar algo que desperte sua atenção, ou algo que contemple questões de cunho pessoal, ou seja, o que tem valor para o aluno.

A temática do capítulo segue abordando os tipos de espaços de arte e cultura que existem, como museus, centros culturais e galerias de artes plásticas. Os alunos devem refletir se existe em sua região algum espaço dedicado à apreciação de obras artísticas e, principalmente, se pensam que a arte pode ser encontrada somente em espaços como os citados.

A partir dessa reflexão, é abordado o conceito de patrimônio cultural. Os conceitos de preservação de obras, além dos espaços dos museus, como cidades históricas tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que foi criado para promover a preservação do patrimônio cultural nacional.

Também é abordada a criação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, que surgiu a partir da necessidade de promoção da preservação do patrimônio cultural não-material. Nesse momento, os alunos são orientados a criar um acervo do patrimônio cultural local. Para isso, deverão reunir tudo aquilo que julgarem fazer parte das manifestações culturais da sua região, como objetos que estão na família há muitos anos, fotos antigas, etc.

O acervo reunido fará parte de uma exposição realizada no ambiente escolar, ao final do estudo do capítulo. A exposição será organizada pelos próprios alunos em todos os níveis. A eles caberá descobrir e selecionar os artistas participantes da exposição, organizar os espaços no ambiente escolar, promover a divulgação e confeccionar os materiais de divulgação, como cartazes e convites. Também caberá a eles, organizar e disponibilizar toda a programação do evento, que será aberto à comunidade local.

Durante a exposição, os alunos deverão entrevistar os visitantes e tentar descobrir as impressões que tiveram das obras expostas e o nível de compreensão que tiveram do que viram.

Unidade 2 _ Globalização e novas tecnologias

Capítulo 3 _ Humanidade tecnológica

O capítulo inicia-se com um poema de Millôr Fernandes, que trata da temática da aldeia global. O poema é formatado no estilo *haikai*, um estilo japonês, que contém três versos. Além de apresentar esse estilo de poema, o capítulo apresenta o termo “aldeia global”.

A evolução humana e a tecnologia também aparecem na temática do capítulo, levando à reflexão sobre a relação que a tecnologia tem com os avanços da humanidade.

A música, “*Pela Internet*”, de Gilberto Gil, que trata das questões da globalização, potencializada pelos avanços da comunicação, através da Internet, é exposta para iniciar a discussão sobre o acesso que os alunos têm à informática e *Internet* e também da relação de tempo/espaço que foi transformada por esse meio.

Como atividade prática, é proposto aos alunos que produzam sua própria tinta e depois pintem algo que se relacione a transformações tecnológicas da época atual. O aluno é orientado a transmitir, na pintura, suas impressões pessoais, relacionadas às mudanças percebidas. Para produzirem a tinta, é ensinada a receita da têmpera a ovo, que era a tinta mais utilizada até o surgimento da tinta à base de óleo.

Por meio da música, “*Velhos e Jovens*”, de Arnaldo Antunes e Péricles Cavalcanti, é trazida a reflexão sobre a relação de influência que cada geração exerce sobre a outra. As transformações que surgem em cada geração e suas influências ao longo do tempo, como nas áreas da Ciência, Indústria, Medicina, criação, etc.

A relação da influência dos avanços tecnológicos é trazida também para o campo das artes; como exemplo, é citado o artista Alex Flemming que, em suas obras, faz a mistura entre expressão visual e linguagem verbal. A intenção é mostrar como a evolução tecnológica influencia diretamente as fronteiras e distância entre as artes.

Muitos artistas já misturam estilos, inclusive o espaço de exposição, como Alex Flemming, que expôs uma obra na estação de metrô Sumaré, em São Paulo. Encerrando o capítulo, é feito um paralelo entre as tecnologias do passado e as tecnologias atuais. É mostrado como os avanços tecnológicos contribuem para o desenvolvimento da humanidade; como exemplo, é citada a descoberta do nosso continente que, não fosse o avanço da tecnologia naval, talvez não tivesse acontecido.

Em comparação, é pedido que os alunos reflitam sobre a relação que a “navegação” na *Internet* tem com a atualidade, pensando que a mesma também permite a exploração de locais distantes. A partir dessas reflexões, os alunos devem elaborar uma carta, relatando o que eles pensam sobre o futuro, no sentido dos avanços tecnológicos, o que imaginam que acontecerão e como será a vida nesta época futura: casas, pessoas, hábitos, etc.

Capítulo 4 _ Arte e tecnologia

O capítulo é iniciado com uma discussão sobre a sétima arte: o Cinema. É enfocada a relação direta que os avanços tecnológicos têm com a mesma. A partir das tecnologias existentes na época, o Cinema foi se formatando. Sendo que sua criação não pode ser atribuída a somente uma pessoa ou grupo específico, já que vários inventos contribuíram para o resultado final. No entanto, os irmãos franceses Lumière receberam o mérito, pois foram eles que produziram a primeira projeção de um filme.

O ponto principal da discussão é fazer o aluno analisar como a tecnologia influenciou de maneira tão pontual a Arte, de tal forma que acabou surgindo uma nova expressão artística: o Cinema. Como atividade prática, os alunos deverão criar uma animação em desenho, seguindo o passo-a-passo descrito.

A mistura de novas tecnologias às artes é ilustrada pela obra do bailarino e coreógrafo norte americano Merce Cunningham (1917-2009), que usou recursos

tecnológicos para montar suas apresentações. Por meio de *softwares*, ele aprimorava as sequências que seus bailarinos executavam em cena.

Como atividade prática, os alunos devem criar um teatro de sombras, valendo-se da técnica antiga de teatro de sombras desenvolvida na China. A intenção é que eles façam a relação dessa técnica antiga de teatro com a técnica dos cinemas, que inicialmente usavam o mesmo princípio em suas projeções.

Finalizando o capítulo e o livro, é apresentada aos alunos a obra: *On translation: el aplauso*, que é uma instalação do artista Antoni Muntadas. Na obra, o artista lança mão de recursos tecnológicos para fazer uma crítica à televisão, que é um meio de comunicação com enorme divulgação pública.

O artista montou sua instalação com três telões onde, enquanto o telão central projeta imagens de acontecimentos desumanos, os dois laterais reproduzem aplausos. Com isso, o artista faz uma crítica à manipulação que os meios de comunicação fazem com a população.

A última atividade proposta é que eles se organizem em grupos, e cada grupo, lançando mão de recursos tecnológicos, criem sua própria instalação, tendo como tema “Futuro e tecnologia”. Um grupo irá focar a temática pelo lado negativo e outro pelo lado positivo. Depois, cada grupo se visitará e discutirá as impressões que cada um teve sobre a abordagem dos colegas nas instalações.

3.2_ Conclusão da análise do livro

Mediante análise do livro em questão, pode-se concluir que o conteúdo direciona os alunos muito mais a aprenderem a contextualizar a Arte. Das atividades propostas, poucas potencializam a prática em si, que é tão importante, principalmente nas Artes Visuais.

O conteúdo do livro não enfoca uma modalidade artística específica; ele faz um apanhado de várias modalidades, no entanto, de maneira menos aprofundada.

Se levarmos em conta os três pilares da Abordagem Triangular: contextualização, fazer artístico e apreciação, percebe-se que o direcionamento didático do livro potencializa a contextualização e a apreciação, o fazer artístico aparece muito pouco.

As discussões propostas são válidas; percebe-se que elas são mais no sentido de desmistificar os preconceitos existentes em torno das artes e artistas. Enquanto material didático, o livro não supre todas as carências da disciplina, o que reforça o início deste capítulo, quando é dito que valer-se somente de livros didáticos para o ensino de Artes Visuais não é suficiente.

A análise do conteúdo do livro é positiva, visto que ele leva o aluno a pensar sobre questões pontuais no campo das Artes. A questão principal é que somente a disponibilização do referido livro não é suficiente. Junto com ele, são necessários mais elementos, já citados aqui nessa pesquisa, para que o desenvolvimento do potencial dos alunos nas Artes Visuais aconteça de fato.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, pode-se concluir que ainda há um longo caminho a percorrer antes de se caracterizar o Ensino de Artes no Brasil como suficiente. A realidade nas escolas públicas é de pouco apoio da esfera governamental e certa discriminação por parte dos atores do meio acadêmico: professores, coordenadores e alunos. Cada um, em um nível, traz consigo uma consideração equivocada sobre as artes, a começar da nomenclatura da disciplina, que se resume a Artes, na maioria dos casos. Em nenhuma das escolas pesquisadas, foi encontrada uma nomenclatura mais focada, como Artes Visuais, que é o objeto dessa pesquisa. Esse fato leva à conclusão de que a disciplina é tratada de maneira genérica. São dadas apenas noções gerais e nada mais.

O estudo do histórico evolutivo do Ensino de Artes no Brasil explicita as principais razões da sua atual situação. O fato do Ensino de Artes ter sido um campo de distinção de classes no passado fundamentou o preconceito que vigora até hoje. As pessoas tendem a caracterizar as artes como algo recreativo e para quem tem tempo sobrando, ou seja, os ricos.

No Brasil Colônia, isso agregava valor, pois somente os nobres tinham acesso à arte contemplativa, como algo superior, que somente os mais importantes é que tinham direito. Com o passar dos séculos, isso tornou-se negativo, visto que a associação vinculou-se à aqueles que não queriam “pegar no pesado”, os filhos dos nobres e senhores da época. Isso ainda é refletido no ensino, atualmente, pois o espaço para as artes ainda é escasso, e a mesma diante de outras disciplinas, é considerada como inferior, de tal forma que é respeitado somente o espaço determinado por lei.

Os professores não contam com os materiais didáticos necessários, não havendo espaço físico adequado para as aulas práticas e nem tempo suficiente para as mesmas.

Outro ponto a se destacar é a falta de sequenciamento no ensino de Artes. Os alunos não tem uma formação continuada. A disciplina “surge” em algumas poucas

séries, ao longo da trajetória escolar das crianças e adolescentes. Isso, com certeza, faz com que a aprendizagem se comprometa e não seja possível contemplar de maneira satisfatória todos os conteúdos necessários.

Como materiais didáticos, os professores, primeiramente, devem contar com a criatividade e ter um perfil de superação, visto que o apoio é pouco. Somada a isso, a ferramenta *Internet* entra como importante aliada, pois, aquele que se dispõe a dedicar um tempo em pesquisa consegue compartilhar experiências e receber contribuições de outros professores, além da disponibilização de acervos de museus no ambiente virtual, por exemplo.

A disponibilização de livros didáticos é escassa, o pouco que é disponível vem apenas como um material de noções gerais. As atividades práticas são mais lúdicas que de formação. As Artes Visuais não são ensinadas de maneira consistente. Pode-se dizer que essa disciplina, especificamente, não existe. Ela aparece como uma entre as demais que, por sua vez, também não são estudadas a fundo, por razão do tempo escasso, pouco apoio dos atores envolvidos, principalmente da esfera governamental.

Finalizando, pode-se dizer que ainda há muito que se desenvolver no campo de produção e, principalmente, disponibilização de materiais didáticos para as aulas de Artes como um todo. Sobre as Artes Visuais, que requerem um maior aparato, que engloba ainda mais materiais para as aulas práticas, como tintas, máquinas fotográficas, ateliês, etc., ainda estão distante da realidade das escolas públicas brasileiras, já que nem livros didáticos suficientes são distribuídos em todas as escolas e períodos.

REFERÊNCIAS

ABE, Mirtes Iamani. *Educação de Jovens e Adultos: 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental*. São Paulo: IBEP, 2009.

Autor não identificado. *Enciclopédia Itaú Cultural : Artes Visuais Escolinha de Arte do Brasil*. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=marcos_texto&cd_verbete=3757> Acesso em 03 de setembro de 2013

EISNER, Elliot. *Estrutura e mágica no ensino da Arte*. In: ARTE-EDUCAÇÃO: leitura no subsolo (Org. Ana Mae Barbosa) São Paulo: Cortez, 2008.

GOUTHIER, Juliana. *História Do Ensino Da Arte No Brasil: A Trajetória do Ensino da Arte no Brasil, desde a chegada dos jesuítas às práticas contemporâneas*. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais d Distância – Vol. 1. Belo Horizonte: UFMG, sem data. P. 10-22.

LOYOLA, Geraldo. *meadiciona.com Ensino de Arte+Tecnologias Contemporâneas+Escola Pública*. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Escola de Belas Artes (EBA) – Belo Horizonte: 2009.

LOYOLA, Geraldo. *Abordagens sobre o material didático no ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MORIN, Edgar. *O Método: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PEIXOTO, Marcelino. *Método*. Belo Horizonte: EBA/UFMG. Material didático.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. *Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte*. In: Ensino da arte memória e historia. Ana Mae Barbosa (org.) – São Paulo: Perspectiva, 2008.

YODA, Carlos Gustavo, CARVALHO, Eduardo. *Carta Maior – Arte & Cultura - Entrevista – Ana Mae Barbosa*. Disponível em <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11489> Acesso em: 10 maio. 2012.